ANO I N.º 8
Número avulso 5$00

LOURENÇO MARQUES
15 de Julho de 1933

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipográfica — Director — SOBRAL DE CAMPOS — Sede — Praça 7 de Março

SEMPRE PRONTO — BE PREPARED

Festas do Grémio Militar
1 Clotilde Santos Pato
2 Maria Santos Gil
3 Luiza Burló
4 Maria de Lourdes Figueiredo
5 Helena Lira
6 Georgete Vasconcelos e Sá
7 Elsa Santos Pato
8 Arlete Trindade
CLICHÉS ARNALDO SILVA

Crónica da Quinzena

Vai fazer amanhã oito dias que no hall do Polana Hotel, perante uma extraordinária e escolhida assistencia, da qual faziam parte muitas senhoras da nossa melhor sociedade, se fez uma interessante audição musical. Dizemos interessante e não excelente, e isto não nos pode ser levado a mal, antes pelo contrário, pois só significa que não perdemos ainda a noção das proporções e que sabemos, assim, não exgotar, a proposito de tudo, os adjectivos laudatorios e encomiasticos. Referimo-nos — como muitos, decerto, já compreenderam — á 8.ª audição dos alunos da distinta professora Mme. Calçada Bastos.

Se exagerassemos, se nos excedessemos nos comentários elogiosos, nada ou pouquissimo nos restaria para dizer quando viessemos, qualquer dia, a referir-nos ás impressões recebidas por um concerto de piano dado pela propria professora — cujo temperamento artistico e esplendida execução já algumas vezes foram exibidos, nesta cidade, com incontestavel e unanime agrado. E muito menos quando nos seja dado o prazer de aqui ouvirmos alguma das mais celebres notabilidades musicais.

Dentro, porém, das suas caracteristicas especiais — uma demonstração dos temperamentos e do aproveitamento dos alunos — a audição do dia 9, no hall do Polana Hotel, marcou pelo seu interesse, sendo justissimo que nesta página figure como um acontecimento artistico e educativo de real valor para o nosso meio social.

Na verdade, e duma maneira geral, todos os alunos de Mme. Calçada Bastos revelaram qualidades — alguns com justa interpretação dos trechos executados — evidenciando a excelente direcção da sua professora.

Os executantes foram muito aplaudidos no fim dos seus respectivos numeros — alguns já de certa responsabilidade — e Mme. Calçada Bastos foi vibrante e carinhosamente ovacionada e cumprimentada no final da audição, sendo-lhe oferecidas, pelos seus alunos, uma bela «corbeille» de flores e uma artistica salva de prata.

Á distinta e insinuante professora, merecidamente muito apreciada no nosso meio como artista e como senhora de raras virtudes, prestamos tambem as nossas homenagens muito sinceras, associando-nos, assim, a todos os cumprimentos e a todas as manifestações de apreço que lhe foram tributadas.

... ...

Á mesma hora em que os alunos de Mme. Calçada Bastos — numa demonstração educativa — se faziam ouvir e colhiam os aplausos da assistencia pelo exito obtido, outras crianças assistiam, no Scala, ao filme «Flagrante delito» —, apesar de junto da bilheteira estar bem patente um aviso da Empresa de que, por indicação da Direcção da Instrução Publica, tal filme não era de aconselhar para crianças!...

* * *

Lourenço Marques diverte-se! Abriu-se um «cabaret»! Musica, dança, animação, luxo — e jogo. Tantas vezes se tem falado e escrito que é necessário fazer da capital da Colónia um centro de turismo; tantissimas vezes se tem posto em foco a conveniencia — mais: a imperiosa necessidade — de atrair e manter aqui, especialmente nesta estação do ano, os turistas que, mesmo sem distrações, nos visitam em maior ou menor numero; que, á força de se repetir este «motivo» e de sobre ele se fazerem todas as «variações», — abriu-se brecha na rotina, vencendo-se as resistencias que a isto se opunham.

Lourenço Marques, como todas as grandes cidades, como todos os grandes centros de população cosmopolita, quiz ter, pelo menos, um «cabaret». Lourenço Marques procura assim tomar as aparencias de cidade ultra-civilizada; vestir-se de lantejoulas; pintar a cara de vermelhão; perfumar-se; tomar poses e atitudes de... mulher moderna; requebrar-se langorosa, nos braços dos visinhos; rodopiar na embriaguez estrondosa das tonturas do jazz, fazendo vida noturna com lautas ceias, bem regadas, sob os focos de luz estonteantes e tentando, possivelmente, a fortuna dos outros sobre o pano verde, com a magia dos baralhos de cartas, com os chorrilhos dos «pequenos» e dos «grandes», ou com aquela misteriosa e delicada bola de marfim, sobre cujos giros satanicos se concentram dezenas de olhos, emquanto os corações dos «pontos», que fizeram as suas «paradas», aceleram ou retardam — quási suspendem, por vezes — o seu ritmo regular e normal.

Está bem. Está certo. Não dizemos o contrário.

O que não está certo é que Lourenço Marques com estas pretenções modernistas, que lhe ficam muito bem, apresente aos visitantes, tirante a Praça e a Avenida da Republica (já toleraveis), as suas avenidas tristes, mal iluminadas, quási mergulhadas nas trevas... O que não está bem é que ainda ostentemos, como se fossem motivos de ennobrecimento e de gloria, tanto capim, tanta areia e tanta madeira e zinco por essas ruas adiante!... O que não se compreende é que o Municipio, o Tribunal e o Tribunal da Relação (!) se encontrem instalados em edificios absolutamente improprios, sem grandesa — sem decencia mesmo — a marcar o nosso ronceiro passo de boi e o nosso despreso por tudo isso que nos devia merecer maior carinho e respeito e que devia, portanto, ser rodeado de todas as condições de prestigio.

O que não se explica nem se perdôa é que não tenhamos ainda a nossa Biblioteca —uma Biblioteca bem instalada e devidamente recheada de bons livros, onde muitos dos residentes possam fazer a sua cultura e passar algumas horas excelentes de prazer intelectual, e que constitua um indice elevado da nossa mentalidade.

Que não haja parques e jardins onde as crianças encontrem os seus jogos, os seus divertimentos e distrações. Que Lourenço Marques, em suma, esteja longe ainda de possuir a vida duma cidade que quere emparelhar com qualquer outra das mais modestas ou das mais ricas capitais do mundo.

Alegremo-nos, porém; ponhamos de banda as tristesas: temos um «cabaret»!

Lourenço Marques diverte-se! Antes assim... Dançar! Dançar!

* * *

O Grémio Militar — um dos clubes onde se têm realizado bailes com marcada distinção — está agora em festa. Um mês de festas! Quermesses, tombolas, barracas de arroz doce, alheiras, vinho verde, farturas, baloiços, carroceis, etc. Ornamentações, luz, trajes populares, alegria, musica... E, sobre tudo, a graciosidade, os sorrisos, o espirito, a mocidade e a gentilesa de muitas meninas da nossa sociedade.

O Grémio, que tem estado aberto ao publico, tem sido muito visitado em vários dias, sendo grande, por vezes, a concorrencia e a animação.

Ainda bem!

E dizemos ainda bem porque estas festas — tão interessantemente organizadas pela Direcção do Grémio, á qual apresentamos os nossos cumprimentos — merecem, na verdade, o apoio e auxilio do publico, atento o seu objectivo simpático e de elevada solidariedade: o de angariar receitas para subsidiar os desempregados.

Acudir aos que sofrem, aos que lutam com as maximas dificuldades materiais, aos que moralmente se sentem inferiorisados pela desocupação forçada — é um dever de todos. E Lourenço Marques tem sabido sempre cumprir esse dever, demonstrando, sem alarde mas conscientemente, a sua generosidade. Era de supor, portanto, que desta vez não fizesse o contrário.

Honra lhe seja!

Noutra página deste numero, registando estas festas, damos á estampa um fresco e perfumado ramalhete de encantadoras meninas que nelas tomam parte. São flores de jardim, delicadas, agora transformadas em flores dos campos do nosso Portugal... Cheiram a esteva, a giestas, a rosmaninho, a alecrim, a mangerico, a madre-silva!... Mas nem por isso desmerecem, porque nos parecem — mais portuguesas.

* * *

Temos, entre nós, há já uns dias, vários grupos dos escotistas sul-africanos, sob a chefia do Comissário Capt. Barber.

Esta visita dos escoteiros da visinha União é extremamente simpática e a confraternização com os escotistas locais tem sido excelente.

No palmar da Polana, no domingo ultimo, realizou-se uma interessante festa cujo objectivo principal foi a apresentação dos cumprimentos oficiais dos nossos escoteiros aos seus irmãos sul-africanos. Depois da troca de saudações, o Capitão Ismael Mário Jorge, Comissário Regional, proferiu um interessante discurso de cumprimentos, mostrando, ao mesmo tempo, as vantagens destas visitas e do consequente e util estreitamento de relações entre escotistas portugueses e sul-africanos.

O Comissário, sr. Barber, agradeceu, numa breve alocução, as palavras do Comissário local e aproveitou o ensejo para agradecer tambem as medalhas que momentos antes haviam sido oferecidas, em nome da Associação dos Escoteiros de Portugal, aos seus explendidos auxiliares srs. Stephens e Brokhooven.

Tendo esta visita dos escotistas sul-africanos, a esta cidade, um alto significado, e sendo, sem duvida, este, o facto mais interessante da quinzena, não faria sentido que nesta cronica não o salientassemos devidamente. E «O Ilustrado», associando-se ás manifestações de simpatia que os escoteiros merecem e têm justamente recebido, presta-lhes a sincera homenagem de os fazer figurar, com as suas bandeiras e dentro do seu emblema, na capa deste numero.

TRANSPARENCIAS...

«Sob o manto diafano da fantasia, a nudez forte da Verdade» — assim o escreveu o Eça lapidar, o torturado da forma desde as «Prosas barbaras» á «Cidade e as Serras» e ás obras postumas.

Pijama transparente para evitar que a pele se queime com o banho de sol.

Hoje, parafraseando, poderemos dizer: sob a voluptuosa caricia dos «transparentes», a nudez paradisiaca das mulheres... Exageramos?... Talvez... Realmente, vai uma certa distancia entre o que as nossas gravuras nos mostram e o que Eva deve ter mostrado no Paraiso... Mas certo é, tambem, que, a darmos crédito ao que se tem escrito, a nossa Mãe comum, tirada da costela do Pai Adão, deve ter vivido, nesses remotos tempos, coberta de farto pêlo; e tinha a desculpa de não haver então — que nos conste... — vestuário com que, pudicamente, resguardasse as formas graciosas do seu corpo...

Mas talvez tenham razão, as mulheres de hoje... Uma onda de mentira e de hipocrisia passou — áparte pequenos e transitórios eclipses — pela humanidade, durante séculos... Agora, a mulher reintegra-se na natureza; e, sob o manto diafano da «sua» fantasia... exibe — quanto possivel — a nudez forte da verdade...

Transparencias... Não lho levamos a mal. Pelo contrário! Apenas desejariamos que ao diafano do vestuário e ao nu que ostenta, correspondesse a transparencia e a limpidez da sua alma. Mas não... A alma da mulher continua a ser enigmatica, esfingica, indecifravel para a imensa maioria dos homens...

Tunica transparente para usar em casa

O CRIME DA CATEMBE

Mais uma resposta aos que querem desorientar-nos. — Acumulam-se os indicios. — Um dialogo muito curioso que reforça as nossas presunções. — Fiscalização necessária! — Uma denuncia: ameaça de morte!

Respondemos, no numero passado, aos que nos acolhiam com sorrisos enigmaticos e escarninhos e aos que nos encaravam com má catadura e até com certo ar de desafio... Não tencionavamos voltar ao assunto. As circunstancias, porém, podem mais do que os nossos propositos e, por isso, somos forçados a voltar á estacada e a quebrar aquela decisão que assim formulamos: «seja isto dito, duma vez para sempre, e continuemos».

No intuito deploravel de destruirem o nosso trabalho, de inutilizarem ou de enfraquecerem os nossos esforços, tem havido, por aí, quem se tenha entretido a espalhar que esta nossa reportagem não passa do produto duma fantasia com caracter novelesco e apenas com o objectivo de trazer entretida a imaginação do publico! E, atraz desses, que assim procedem (consciente ou inconscientemente) de parceria ou por instigação habilidosa dos que desejariam que sobre tal assunto se fizesse perpetuo silencio, vão tambem os que armam em espiritos duma notavel agudeza e perspicacia, e que dizem, em comentário superior: «Eu tambem logo vi que se tratava duma novela»! Outros, sorrindo, maliciosos, e julgando, talvez, ser-me agradaveis, chamam-me de parte e murmuram-me ao ouvido: «Que esplendida «blague» aquela do Crime da Catembe!»...

Pois bem! Temos que repeti-lo: nada nos desconcerta nem nos fará desistir de procurarmos ir até o fim, atravez de todas as dificuldades, por muito que isto pese aos que desejariam que nada se esclarecesse. E, se encontramos contrariedades neste espinhoso caminho, tambem, felizmente, encontramos incitamentos e novos auxilios — e isso nos basta para nos alentar.

* * *

Entre esses novos auxilios, que veem, de certo modo, ajudar o trabalho dos que, desde os primeiros dias, se têm ocupado do crime, conta-se o duma pessoa desta cidade — cujo nome, por ora, convem ocultar, mas que terá, quando necessário, a hombridade de o declarar — que nos relatou um facto que tem de ser conjugado com outros elementos. Esse nosso informador, surpreendeu, numa destas noites, um grupo de três pessoas — dois homens e uma senhora — proximo do Polana Hotel. Dos três, apenas reconheceu um dos homens, mas teve a possibilidade de ouvir uma parte da sua conversa. É a que reproduzimos, tão fielmente como a recebemos do nosso informador:

— Está a chegar o «Takliva», mas com o alarme lançado pelo crime, toda a cautela é pouca.

— Maldita reportagem!

— Vou eu a bordo, se fôr necessário — disse a mulher, entre enervada e resoluta. De mim ninguem suspeitará e trarei o mais que fôr possivel.

— Não pense nisso! Pode inutilizar-se e nós precisamos de você para outras missões.

— O mais prudente será, talvez, mandar-se um telegrama para bordo, na nossa cifra, e desistirmos, desta vez.

— Ou metermos um outro no segredo e fazê-lo manobrar com a maior segurança.

— Não. Nada de tomar resoluções precipitadas! Pensemos no caso e amanhã decidiremos com mais calma.

A seguir a estas palavras — segundo o refere o nosso informador — os três foram-se encaminhando para o Polana Hotel, nada mais lhe sendo possivel ouvir. O dialogo travou-se em inglês, mas um dos homens, pelo menos, era português.

* * *

Esta conversa — a acreditarmos nela, como não podemos deixar de acreditar, atenta a confiança que depositamos em quem nos informou — pode não ter uma relação directa com o crime, mas tem-na indirectamente. Disso é que não há duvida nenhuma. E leva-nos a concluir, mais uma vez, que a pista que estamos seguindo não deve ser uma pista errada. Vejamos:

Os três personagens mostraram-se preocupados com «o alarme lançado pelo crime» e convieram em que, por via desse alarme, «toda a cautela era pouca». Um deles não pôde reprimir esta expressão: «Maldita reportagem»! A mulher, contrariada e nervosa, ofereceu-se para ir a bordo porque «dela ninguem suspeitaria e traria o mais que fosse possivel». Dissuadem-na disso porque «podia inutilizar-se e dela precisam para outras missões». Fala-se num «telegrama, em cifra, para bordo» e aventa-se a idea de «meter «outro» no segredo», dando-se-lhe instruções para «manobrar com a máxima segurança».

Ora, em que poderia preocupá-los o alarme lançado pelo crime? Certamente porque esta nossa... «maldita» reportagem, veio trazer á superficie algum facto verdadeiro e identico que se está passando em Lourenço Marques. Qual facto? Necessariamente este: o contrabando de ópio. Evidentemente.

Aquelas três pessoas — aqueles dois homens e aquela mulher — com ligação, ou sem ela, com os outros personagens do crime, ocupam-se, pelo menos, no contrabando do ópio. E esse contrabando deve fazer-se — apesar de todas as fiscalizações — possivelmente pelos barcos vindos do Oriente.

Que se aperte a fiscalização e nós temos a certesa de que esse contrabando terminará; ou que, se não terminar, alguem cairá na rêde. Urge fazê-lo!

Liguemos agora os factos.

Nos fragmentos da carta, escrita em italiano, que publicamos no numero anterior, falava-se em «grandes responsabilidades», «absoluto segredo», «falta de confiança», «viagem arriscada» e «uma nova encomenda que era urgente transportar».

Não será tambem arguicia demais, nem fantasia interpretativa de pessoa obcecada — o leitor que releia a tradução e repare na gravura da carta publicada no ultimo numero — reconstituir assim a frase final: «há outras coisas que queria comunicar mas prefiro não escrever-lhe».

Tambem não será fantasia nenhuma — dentro do campo em que nos colocamos e em que temos fundamentos sérios para nos colocarmos — admitir que se trate, de facto, de contrabando (de ópio ou de diamantes, ou de ambas as coisas), sendo certo que aquela fronteira da Suazilandia é, talvez, a que melhores condições oferece para semelhantes manobras.

A ser assim — como há-de vir a esclarecer-se — a vitima, juntamente com os criminosos e mais comparsas, ocupava-se nesse «rendoso», embora arriscado ramo de «negócio». Fôra, possivelmente, atraída áquele local do mato, para onde seguira, despreocupadamente, como doutras vezes, com o fim de receber instruções e «encomendas». Mas, desta vez, em lugar de encomendas ou de instruções, encontrou a morte!

E a carta? — preguntar-se-á, naturalmente. A carta devem-na os criminosos, por certo, ter encontrado no fato da vitima. E, apoderando-se dela — porque constituiria um documento em extremo comprometedor — trataram de a fazer desaparecer. Mas... — há sempre a mão que descobre o que a outra faz — na perturbação em que deviam encontrar-se a seguir ao crime, não raciocinaram com serenidade e com clareza e rasgaram-a, em vez de a queimarem ou de a enterrarem na areia a grande distancia. E rasgaram-a muito proximo do local da tragédia. A preocupação foi só esta: libertarem-se dela e quanto antes.

Por isto se deve concluir — o que reforça as nossas suspeitas em presença dos dados que possuimos — que os criminosos não tinham pratica destes crimes. Possivelmente foi a primeira vez que mataram.

* * *

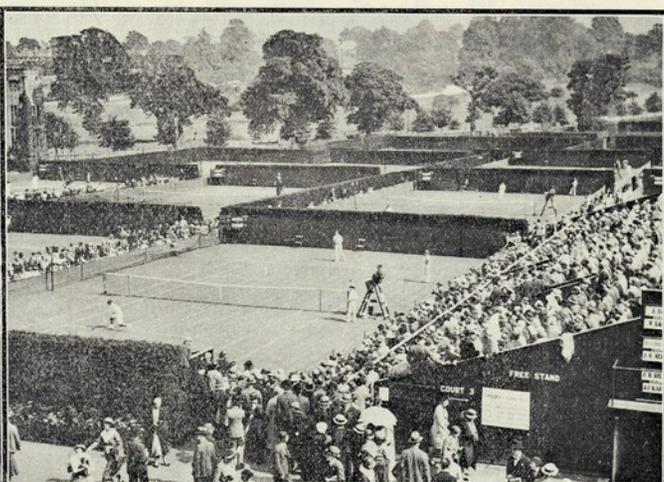
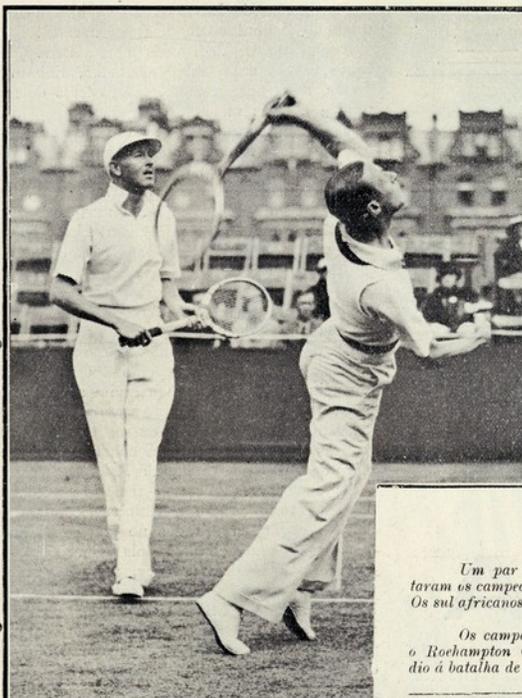
Iamos a continuar as nossas considerações, quando nos foi entregue, trazida da nossa caixa do correio, uma carta anonima, escrita á máquina. O que contem essa carta? Pasmem, como nós pasmamos: uma ameaça de morte por nos ocuparmos, nesta reportagem, da descoberta do crime!...

Pensamos que tal carta será apenas uma manifestação espirituosa de qualquer engraçado que procura divertir-se á nossa custa. É o que deve ser. Mas pode tambem não ser assim. Motivo por que denunciamos o facto publicamente, na certeza, porém, de que nem com essas ameaças nos farão calar.

S. C.

CAMACHO FOTO.

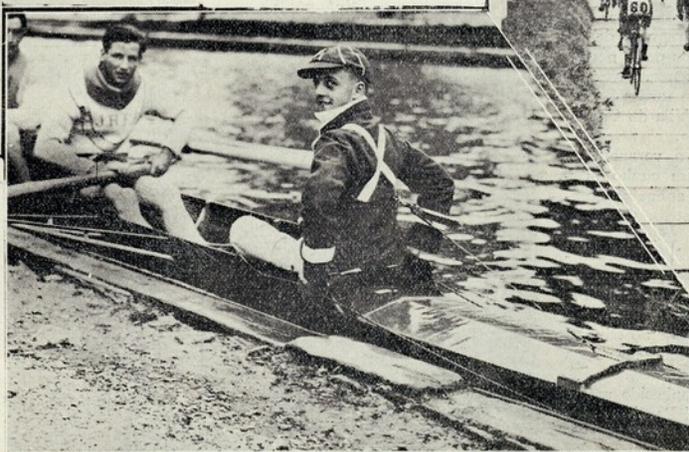
Grupo de alunos de Madame Calçada Bastos, que se apresentaram numa audição de piano, no domingo, no Polana Hotel. Da esquerda para a direita 1.º plano: Maria Tereza Prata Dias, Nuno Prata Dias, Maria Prata Dias, Manuel Prata Dias, Izabel Oliveira e Costa, Nuno Calçada Bastos, Maria da Graça Donato; Segundo plano: Suzete Neves Dias, Fanny Nicolau, Tereza Rocha Diniz, Maria Tereza Oliveira e Costa, Aurora Loureiro, Armanda Nunes e Maria Manuela Simões Vaz. Terceiro plano: Iolanda Soares de Melo, Telma Santos Gil, Madalena Casaleiro Barreto, Albina Cabral, Madame Calçada Bastos, Josefina Bucelato, Maria de Lourdes Figueiredo, Helena Correia Neves e Helena Fontes. NO MEDALHÃO — Madame Henriqueta Calçada Bastos.

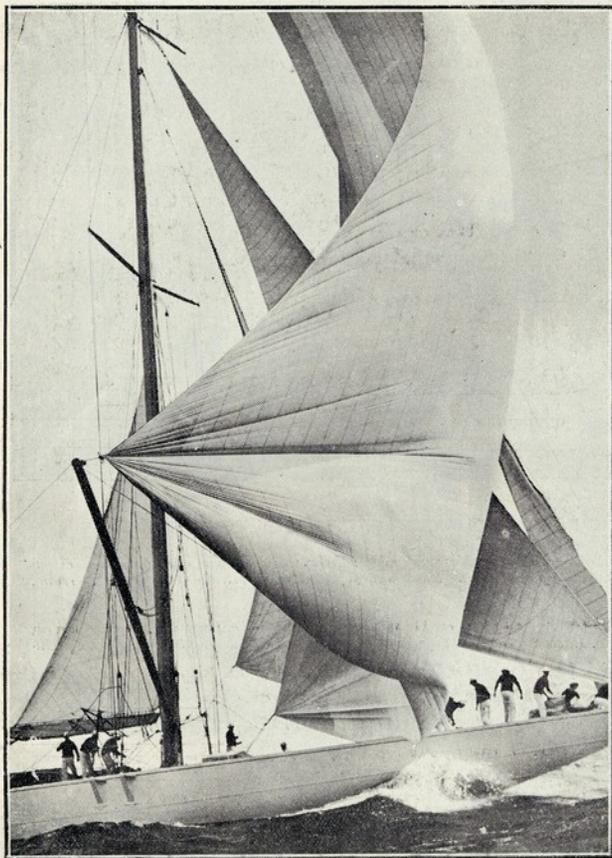
Grupo de amigos que ofereceu no Polana Hotel um almoço ao sr. H. Gibbs, empregado superior da Alfandega da União e presidente do Club Inglés, antes da sua partida para a Europa.

Os grandes torneios de tenis

Um par da Taça Davis que Lourenço Marques conhece: Kirby e Farquharson, que ha dois anos disputaram os campeonatos do Lawn-Tennis Club. Vêmo-los aqui em acção contra a Australia (Crawford-Mc. Grath). Os sul africanos ganharam por 6/4, 6/4, 6/4.

Os campeonatos de Inglaterra começaram em Wimbledon, em 26 de Junho. Como de ha 9 anos para cá, o Roehampton Club e o L. T. International Club organizaram a recepção aos concorrentes, que serve de prelúdio á batalha de Wimbledon.

John Tranum, «paraquédista» o campeão do mundo—com um mergulho de 60 000 metros.

Para evitar o baloiço dos timoneiros—que se verificou prejudicar a marcha do barco, conforme acusou un acelerometro de grande sensibilidade.

A prova de selecção do «team» ciclista da Inglaterra para o campeonato do mundo, que se correrá em Setembro, em França. Tomaram parte 90 corredores, de que serão apurados 6.

VELAS

As duas fotografias que nos cairam diante dos olhos, uma o novo «cutter» «Velsheda», todo feito em aço, navegando a todo o pano nas regatas do Royal Harwich Club, em Essex, a outra «manobras de veleiros», no Tamisa, em frente de Teddington, trouxeram-nos á lembrança as regatas que, lá, por Portugal, se têm feito e se fazem ainda, mas mais fortemente nos vieram recordar aquelas que há tanto foram realizadas, aquelas que lá vão...

A Associação Naval, o Club Naval, o Club dos Aspirantes de Marinha e outras mais agremiações nauticas de desporto, tiveram lindas tardes na baía de Cascais e no estuário do Tejo.

Tardes de Cascais, de Paço de Arcos, da Trafaria e da Cruz Quebrada, regatas de remos e de velas, barcos timonados pelos nossos primeiros sportmen da especialidade, viveram-se no Sul, como se viveram em tardes de outôno na Póvoa do Varzim, em Vila do Conde, na Figueira da Foz e em Ancora.

Em Cascais — onde residia o veraneio da Corte —, as regatas tinham um cunho aristocrático, cunho que lhes davam as equipes compostas pelos Sabugosas, Lencastres, O'Neills, Braganças, Vilares, Arnosos... remando com elas muita vez o Infante D. Afonso e correndo os «outriggers» do Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz, cunho que igualmente lhe dava a assistência fidalga que coalhava a praia e a cidadela. Á noite, um baile no «Sporting» servia para dar aos vencedores a Taça de Honra, que a Rainha oferecera.

Por esse tempo, tambem o conhecido sportman de Lourenço Marques, José Perdigão, era um desses «nauticos», desses que receberam prémios pelas mãos da Familia Real, tendo detido durante algum tempo o campeonato do Remo.

Por Paço de Arcos, as regatas que se faziam dali para Carcavelos, e outras vezes da Trafaria, em travessia do Tejo, eram sempre dirigidas pelo Filipe Taylor, grande sportman do remo, «doublé» de ginasta, mestre de natação e a maior alma do Real Ginásio Club.

Nessas corridas de velas e de remos, entravam as equipes dos Vilhenas, dos Jardins, dos Blacks, dos Xafredos, a rapaziada do Cabo Submarino, toda ela marcante em Lisboa.

E a praia profusa de lindas carinhas, daquela raparigada que hoje é quási avó, tinha vida e colorido, vida que ia depois animar a noite da Avenida Marquês de Pombal, onde tocava a filarmonica de Laveiras, havia quermesses, tombolas e muita olhadela enamorada!

As regatas de Pedrouços para a Cruz Quebrada, essas eram mais modestas, tinham a vê-las, mais burguesismo, mais cêstos de merendas e mais meias de algodão.

As equipes eram — chamemos-lhes assim — as terceiras categorias dos Clubes e das Associações do remo e da vela.

Por lá andava o «yacht» do Miguel da Paxiuta, amigo da Família Real, mas como morava num moinho (chalet) em Linda-a-Pastora, não arredava pé dos seus «dominios» em dia de corridas no Tejo.

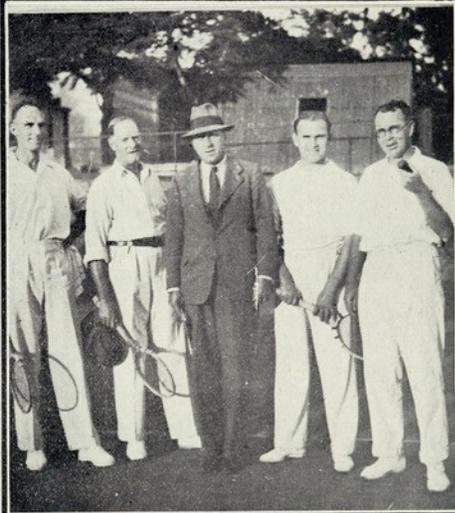
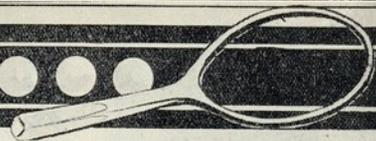
E, ao findar a regata, debandava a assistencia, enchendo uns as terceiras classes dos combóios de Algés e os electricos do Dafundo, e outros abancando nos «Retiros» de Ribamar, saboreando um coelho á caçadora ou um peixe espada frito, com muita alface, com muito rabanete e com muito azeite...

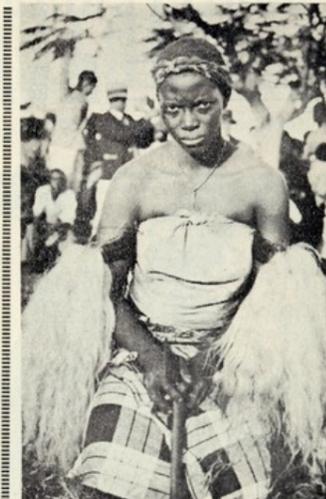
Eram estas as regatas desses tempos idos, regatas que vinham em eco constituir um numero de festas das Caldas da Rainha, pelas alturas de 15 de Agosto, — temporada fidalga daquelas termas, que a Rainha Leonor fundou —, regatas realizadas no pequenino lago do Parque, onde corriam dois «Charutos» ou duas «Canôas» de cada vez, remadas tantas vezes por meninas da nobreza, emquanto a banda da Guarda Municipal fazia um concêrto alegre.

Raparigas desse tempo, por que não falar delas?

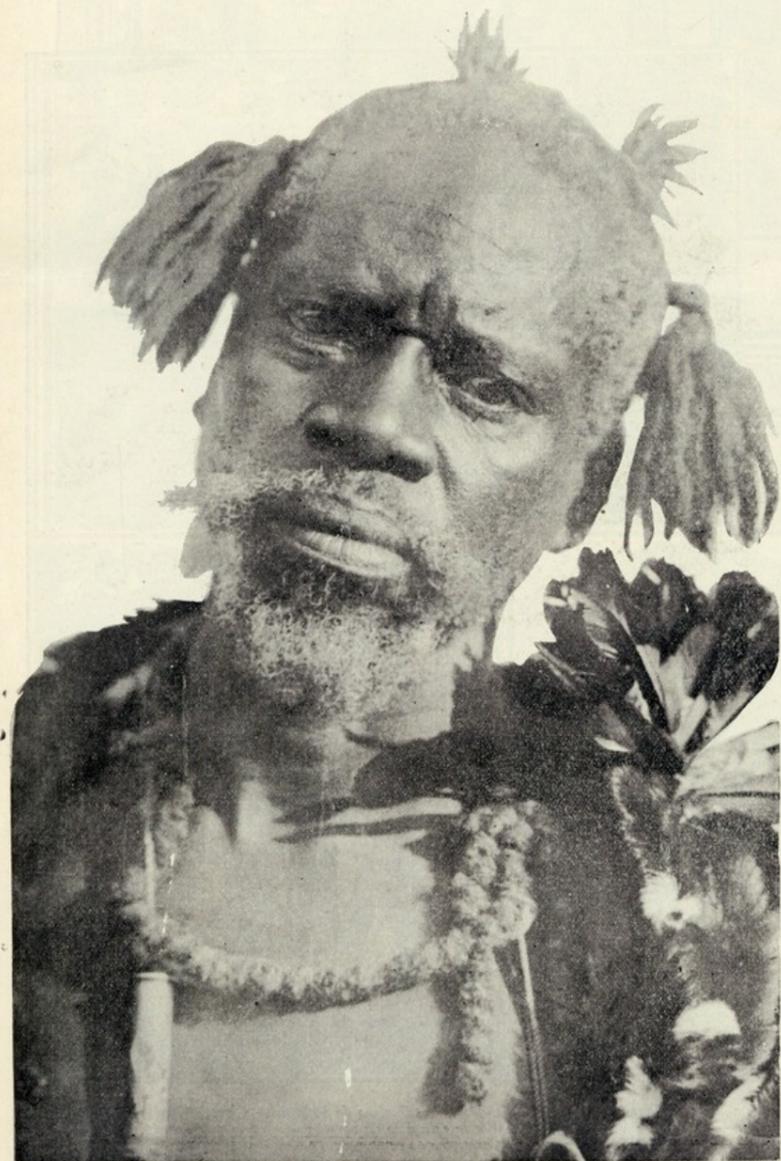
A linda Joaninha Murça, que um vento de morte levou aos dezanove anos; a moreninha Chica Paraty, de olhos garços; a Izabel Sabugosa, uma poupée loirita; a Izabel Castro Pereira de olhar muito negro e brilhante; a Maria de Roure, irrequieta sempre na ironia dum sorriso travesso; a Maria José Queiroz, o mais lindo sorriso que conheci nuns lábios de dezoito anos, a Madalena Gorjão Henriques, coradinha e luminosa, as Almadas, as Casais Ribeiros, as Wermers... tantas, tantas caras bonitas, tanta linha fidalga que iluminou de gentileza as regatas das Caldas da Rainha!

As antigas regatas eram assim, e como temos de dar lugar aos novos, as «novas navegam» mas não têm a côr e a vida das que já lá vão tam longe, tam longe como se desfizeram as ondas do mar que as trouxeram nos braços.

Fernando Baldaque.

De cima para baixo, da esquerda para a direita.—*Mrs. Van Mekerk e Miss L. James, finalistas do handicap de «singles» de senhoras.—O sr. V. Harris, campeão do Rand oriental, finalista de «singles» de homens no campeonato de Moçambique.—J. Kitson e V. Harris, finalistas de «singles» de homens no mesmo campeonato. J. Kitson foi o vencedor.—Mrs Hall, Miss D. Kitson, Mrs. Hathorn, detentoras de campeonatos sul-africanos, e Mrs. Lowe, finalistas do campeonato «doubles» de senhoras. Mrs. Hall e Miss D. Kitson foram as vencedoras —Um aspecto da assistência.–Miss L. Tames, vencedora do handicap de «singles» de senhoras.— Os srs W. Garbutt, Capt. B. Turner, J. Brown, E. H. Hawke e D. Turner, finalistas do handicap de «doubles» de homens. Vencedores, W. Garbutt e D. Turner.* — (Clichés de H. Alcobia)

EXPOSIÇÃO

Agricola e Industrial de Marracuene

FIGURAS

das danças indigenas no segundo dia de festas.

Conferencia Economica Mundial

«Pelo rodar da carruagem se conhece quem vai dentro dela» — assim se dizia noutros tempos...

Também pela marcha dos trabalhos desta importantissima Conferencia internacional, se conhecia ou era de prever o fracasso dos seus elevados objectivos.

Precisamente há 15 dias aqui dissemos que, «segundo o telegrafo já nos tinha comunicado, as esperanças postas na Conferencia, por todo o mundo culto, tinham sido iludidas, sendo licito duvidar-se dos profundos resultados práticos duma assemblea de tão grandes intuitos».

Os quinze dias decorridos só têm vindo confirmar retumbantemente as nossas presunções, pois podemos dizer que a Conferencia se encontra virtualmente morta e que todos os balões de oxigenio dos ultimos dias não conseguirão dar vida ao que já a não tem, a não ser nas enganosas e fugazes aparencias.

Em cima, á esquerda.—*Os delegados portugueses á Conferencia. Da esquerda para a direita: O consul sr. Tomaz Fernandes, dr. José Caeiro da Mata (ministro dos negocios estrangeiros) e dr. João de Mendonça*

Em cima, á direita.—*O dr. Engelbert Dollfuss (á direita), chanceler da Bolsa da Austria, com o barão Franchestein, ministro austriaco, saindo duma sessão da Conferencia.*

Em baixo.—*R. B. Benett, primeiro ministro canadiano, e Neville Chamberlain, Chanceler do Tesouro da Gran Betanha, conversando com Mac Donald, presidente da Conferencia.*

O rei e a rainha de Inglaterra ofereceram aos delegados á Conferencia e a mais cerca de 2.000 convidados um «garden party» nos jardins do Castelo de Windsor, onde ha mais de 20 anos se não realizava nenhuma festa.—Os convidados chegando de automovel.

A Imprensa de todo o mundo tem-se ocupado do assunto e os jornais franceses, em diversos artigos, já lhe têm chamado — um cadaver...

O golpe de misericordia... foi-lhe dado pelo abandono dos trabalhos por parte da delegação americana, facto este donde resultaram diversas outras complicações e um marcado nervosismo nos diversos sectores da Assemblea.

Em resumo: mais um fracasso absoluto da conjugação de esforços internacionais, o que nos leva ao convencimento de que o Mundo marchará, mais ano menos ano, para um colossal conflito, pelo agravamento, cada vez maior, de todos os graves problemas já hoje postos com notavel acuidade e que ficarão sem solução possivel.

MAILLOTS...

Esse fato de banho, que vestiram as nossas avós, as nossas mães, as nossas tias e ainda e até as nossas irmãs; esse fato, que, ainda há pouco mais de uma dezena de anos, era o fato usado pelas banhistas nas nossas praias, e que marcava o pudor e honestidade de todas elas, parece agora — não é? — uma indumentaria estranha, de remotas épocas, só digna de figurar num museu de antiguidades...

Dez anos, quinze anos, foram o bastante para transformar, por completo, a moral colectiva e individual em matéria de vestuário para o banho, e para mudarem totalmente a nossa concepção artistica.

O «maillot» triunfa e canta vitoria. E, perante a sua vitoria retumbante e a sua implacavel troça a esse passado recente—que foi de ontem, a bem dizer — queremos apenas pôr estas preguntas: será a mulher (mais despida agora) menos honesta do que o foi nesses outros tempos? Ou haveria apenas, então, uma maior soma de hipocrisia e o exibicionismo dum falso pudor?...

Que responda quem souber...

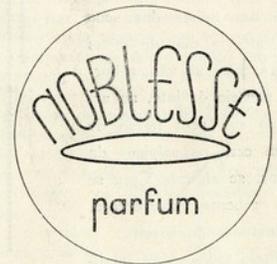
O «maillot» impõe-se! O «maillot» triunfa! O «maillot» canta vitoria e canta-a, olimpicamente, sobre os destroços do passado, rindo-se, ás casquinadas garotas, daqueles que, escandalizados, metidos dentro das «botas de elástico» da sua argumentação poeirenta, ainda ousam arriscar contra ele o seu já timido e frouxo comentário...

O «maillot» triunfa!

Reparem na frescura e na graça, no á vontade, no aspecto de saude e na alegria daquelas deliciosas raparigas que, ao alto desta nossa página, nos fitam, descançando dos exercícios gimnasticos, da natação, do banho de sol, deixando que o ar livre, bemfazejo, as acaricie e as tonifique.

Atentem nesse grupo gracioso e encantador de quatro «estrelinhas» de Hollywood — cuja expressão e cuja fisionomia (é curioso notá-lo) até parecem da mesma, duma só — e digam-nos se os seus «maillots» não ajudam a salientar o equilibrio das linhas dos seus corpos e a alegria que de todas elas transpira. Elas ali vão, a bordo, no seu passeio de iate, ao ar, ao vento, ao sol, sem receio de se molharem com os salpicos da água do mar, se alguma vaga se encrespa e rebenta, irreverente, junto aos costados do barco...

E confrontem todos esses «maillots» e os dois da ultima gravura, com o deselegante, detestavel, abjecto fato de banho que figura, num flagrante contraste, ao centro dessa ultima gravura!...

Produtos de Beleza

Os meus amores não adivinham porque se separaram o lobo, o elefante, o tigre, o leão e a cabra? Pois vão sabê-lo agora, tal como o referem os indígenas da Guiné, na sua «língua de trapos», a quem os quere ouvir e consegue entendê-los.

E depois de o saberem, podem os meninos contá-lo, mas na nossa lingua, na doce lingua portuguesa, a quem gostar de historiazinhas ingénuas.

* * *

Certo casal de velhotes vivia desgostoso, por não ter tido filhos. Um dia, e quando já por sua idade não esperavam que Deus lhes fizesse a mercê de dar-lhes descendentes, tiveram um filho que, apenas nasceu, muito espevitado, declara aos pais:

«Quero chamar-me Himbo-Inéné».

Imaginem o assombro dos velhotes!

Tinha o menino quinze dias e a mãi disse ao pai:

«Emquanto vais á caça e á pesca vou eu colher bananas».

E o rapazinho, lampeiro, intromete-se na conversa:

«Deixa-te estar em casa, minha mãi, que vou eu buscar as bananas».

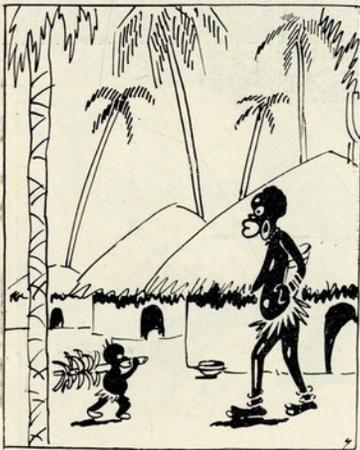
Palavras não eram ditas, salta das costas da mãi, onde ela o trazia, emquanto lidava nos quefazeres domesticos e vai pela porta fora!

Daí a pouco regressa, trazendo enorme cacho de bananas. Depois, pula ao colo da mãi, mama sofregamente e dorme a sua sonéquinha, como os petizes da sua idade.

No dia seguinte, ao amanhecer, a mãi, obrigada a saír, deixa-o na palhota. Ao voltar a casa, vários rapazes visinhos a esperam e se lhe queixam do filho.

«Visinha, o seu rapaz bateu-nos! É muito mau»!

«O quê? O meu filho é um pequenino de peito que deixei a dormir quando saí! Vós uns «tamanhões» a queixar-vos dêle, até parece mal... Vinde cá ver como ele está sossegadinho»!

Mas a velhota fica espavorida, ao enfrentar o seu pimpolho, de varapau nas mãos, esperando a arremetida dos outros rapazes, pronto a defender-se se tentarem agredi-lo.

A pobre mulher pede desculpa aos rapazes e ralha ao menino que de novo quere maminhas e torna a adormecer tranquilo.

Mas já na aldeia se começa a murmurar que Himbo Inéné tem feitiço mau e por isso é necessário fazê-lo morrer. Feita comunicação ao regulo, este manda vir o petiz á sua presença.

Apressam-se os aflitos pais a cumprir a ordem e comparecem com o filho.

O régulo ordena que metam o menino num cesto sem fundo e o deixem ali junto dele, bem guardado, até ao dia imediato. Ia reunir os seus feiticeiros e ouvir a opinião deles sobre o fim que convinha dar ao pequeno.

Os pais choram ao separarem-se do filho que os consola baixinho:

«Não se aflijam. Nunca mais me verão, porque partirei para longe, mas nenhum mal me sucederá».

Voltam costas os pais e o menino pede ao régulo:

«Sei que vais matar-me. Mas antes uma coisa te rogo: que me dês uma folha grande de bananeira, para me cobrir».

O régulo acha graça ao pedido e incumbe um dos seus escravos de satisfazer o desejo do petiz. Este apanha a folha de bananeira, cobre-se com ela e apenas o régulo e os guardas cabeceiam com sono, esgueira-se por baixo da folha, que deixa muito direitinha, para o suporem a dormir sob ela e foge, foge, foge ou antes vôa.

Quando os feiticeiros chegam, acompanhados de muito povo que vem admirar o menino prodigio, encontram a folha de bananeira sem coisa alguma por baixo! Batem o mato por todos os lados, mas ninguem é capaz de descobri-lo. O régulo furioso quere matar os pais. Mas trazidos á sua presença os bons velhotes demonstram a sua inocencia no desaparecimento do filho.

* * *

Himbo Inéné, depois de muito caminhar, chega a uma floresta, onde vivem em excelente camaradagem os compadres Lobo, Elefante, Tigre, Leão e Cabra. Himbo Inéné cumprimenta-os:

«Excelencias! tenham bom apetite e alegria! Se precisam dum escravo para servi-los, aqui estou eu»!

Os compadres riem perdidamente, nas suas respectivas vozes, ao ver um «miudito» a falar dificil.

«Rico escravo deves ser, pequenitates! Decerto não serves para coisa alguma».

«Ora essa, patrões! Sirvo para tudo»!

«Então fica conosco e trata de comer o que houver por aí e dormir até amanhã».

Himbo Inéné come vorazmente frutos e raizes, com grande admiração dos amos.

O trabalho de buscar alimento é distribuido alternadamente pelos compadres. Num dia vai a Cabra, noutro o Lobo, noutro o Tigre, noutro o Elefante, noutro o Leão.

Pertence a vez á Cabra, no dia seguinte á aparição do menino. Clareia a manhã e a Cabra chama-o:

«Inéné anda comigo, para carregares as provisões»!

Dá-lhe uma cesta que o Himbo põe ás costas e partem.

A Cabra enche o cesto de frutos vários, emquanto o petiz brinca com pedrinhas. Acabada a colheita, a Cabra chama o escravo para carregar a cesta. Himbo Inéné finge-se surdo. A patroa, cansada de chamar, enfurece-se, aproxima-se do pequenito e dá-lhe duas botetadas.

Inéné que tem mau génio e prodigiosa força, riposta com tal impeto, que á comadre Cabra cai ás cambalhotas, a grande distancia!

Himbo ao vê-la em terra ameaça-a:

«Tens de levar tu a cesta para casa e não dizeres coisa alguma do que se passou. Eu também guardarei segredo. Á entrada da aldeia, pego eu na cesta».

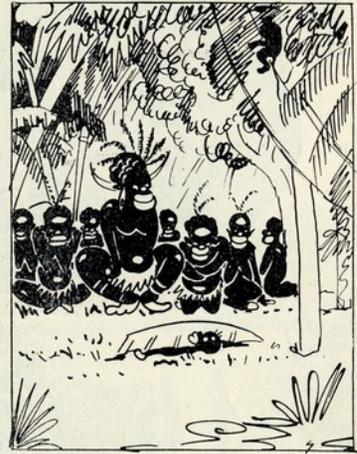
A Cabra — claro está — com vergonha de confessar-se humilhada por uma criancita, promete calar-se e assim o faz.

Ao notarem que o focinho da Cabra está inchado, preguntam os companheiros:

«Comadre, o que te aconteceu ao focinho»?

Responde a Cabra prontamente:

«Um enxame de abelhas mordeu-me, emquanto descansava e o nosso escravo trabalhava».

Na manhã seguinte, compete ao Lobo a procura de alimento. Sucede-lhe exactamente como á Cabra. E explica também que as abelhas o morderam. A Cabra bem sabe quais «abelhas» praticaram o desacato. Mas sorri e cala-se discreta. A sós com o Lobo comentam,

pasmados, a força bruta de que dispõe aquele menino — cinco centavos de gente.

Nos três dias a seguir são o Elefante, o Tigre, o Leão os encarregados do fornecimento e os que trazem os focinhos «mordidos das abelhas».

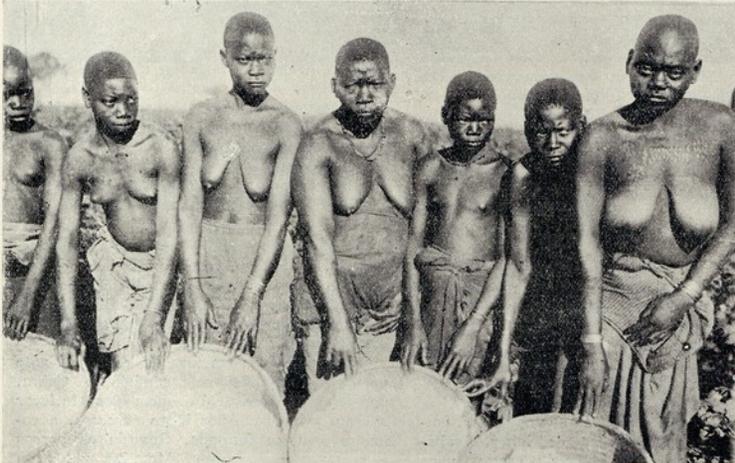
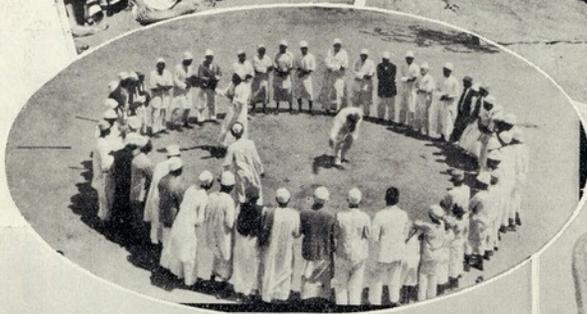
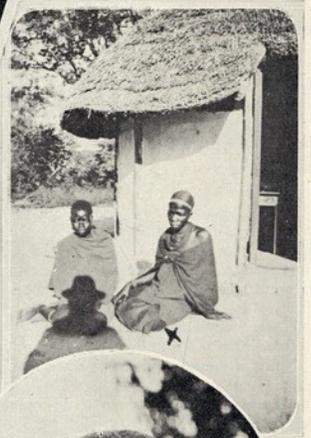
Em vista de acontecimentos tam graves e tam singulares, resolvem com muito bons modos, afastar Himbo Inéné, com o pretexto de examinar se determinado passarinho havia feito ninho nos cacoeiros proximos. Supondo-o ausente, deliberam mudar de casa. Precisavam de livrar-se de tal escravo, que reduzira os seus senhores á maior e mais vexatoria escravidão, dominando-os sendo um «ninguemzito». Têm-lhe tanto mêdo que, basta Himbo Inéné espirrar, para logo os compadres ficarem em tremuras, como se tivessem sezões...

Himbo, dotado dum ouvido esplendido, ouve tudo.

Os patrões metem na cesta das provisões, tudo quanto há em casa, capaz de se comer. Quando o menino reentra, todos fingem ressonar. Sorrateiro, Himbo Inéné deslisa por baixo da folha de bananeira com que a Cabra cobrira a cesta e fica quietinho.

Ao amanhecer, sem fazerem ruido, pé ante pé, os animais põem-se a caminho. A Cabra, por ser a mais nova, é a quem compete levar a cesta primeiro. Após largo percurso, a comadre sente-se fatigada. Retarda os passos e senta-se a descansar. Mete as patas na

(*Continua na página 150*)

Página Indígena

Familia de alguns soldados indigenas de Moçambique, constituida em Timor, regressados daquela colonia recentemente. — Cabo Mateus, descendente do Gungunhana com sua familia constituida em Timor, de onde regressou ha pouco.—Yomadana. filha do Gungunhana e de Sonia a sua mulher grande.—Uma rapariga Maconde.—Um caçador de giboias apresentando um enorme exenmplar (Lurio).—Indigenas de Moçambique que professam a religião de Mahomet, solenizando o Ramadam.—A passagem de um automovel no rio Lurio (Namapa).—Colhendo agua em Mocufi (Porto Amélia).—Mulheres da apanha do algodão em Ocua (Porto Amélia).

PINTORES PORTUGUESES

O Mestre Carlos Reis

A Lisboa culta prestou, há pouco tempo, a justa homenagem ao pintor Carlos Reis, consagrando-o pela sua Arte, por uma vida inteira dedicada a surpreender os segredos das encantadoras paisagens da nossa terra, dos tipos esplendidos do nosso povo, trazendo para a tela, coada pelo seu finissimo e excepcional temperamento de artista, a emoção da prespectiva, da luz e da côr. Na verdade o Mestre — grande interprete da naturesa e da vida — é daqueles de quem podemos dizer que foram tocados pela graça divina, aliando a uma técnica prodigiosa, a delicadesa admiravel duma sensibilidade requintada.

Quando vimos, nos jornais metropolitanos, o relato dessa consagração, á qual concorreram as figuras de maior categoria mental e artistica de Lisboa, experimentámos logo um irresistivel desejo de também tomarmos parte, mesmo daqui, de longe, com a nossa modestissima pena, na homenagem tão justamente prestada ao Mestre.

Para dele nos ocuparmos, porém, e darmos ás nossas palavras o cunho de sinceridade que

Retrato de Sobral de Campos

Carvão de Carlos Reis

nos era grato, necessário nos era falarmos também um pouco de nós e darmos á estampa um seu trabalho, que trazemos na nossa companhia e guardamos, preciosamente, como uma reliquia. E sentimos, então, uma espécie de pudor, receando que o nosso propósito fosse mal interpretado e houvesse quem nos atribuisse intuitos exibicionistas. Pessoas amigas, porém, animaram-nos a fazer esta página e a publicarmos o carvão que o Mestre nos ofereceu, especialmente por ser um seu trabalho inedito, pois nunca figurou em qualquer exposição.

* * *

Não conheciamos pessoalmente Carlos Reis quando se inaugurou o salão de Belas Artes, na Rua Barata Salgueiro, em Lisboa. Faziamos, então, parte da redacção dum semanário de ideas — «Terra Livre». Eramos nós quem escrevia as criticas de Arte, tendo assim feito a critica da primeira exposição do salão da Rua Barata Salgueiro.

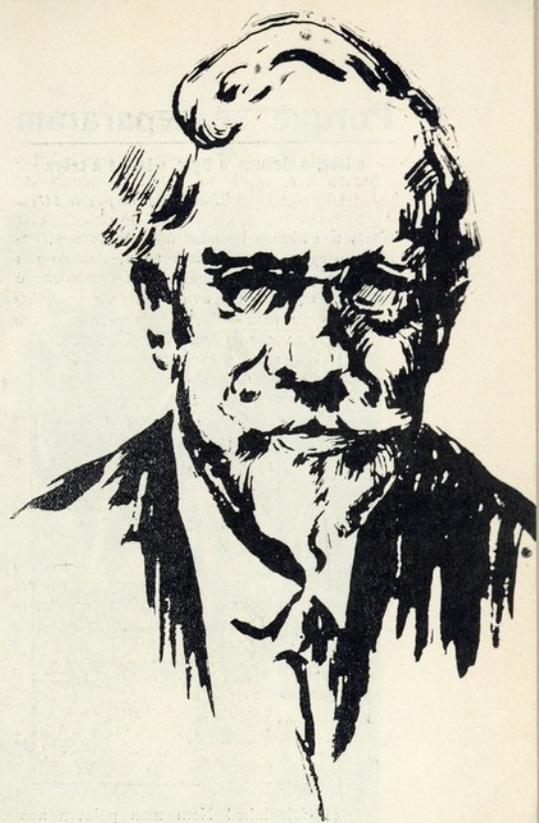
Entre tantos outros, Carlos Reis expunha vários quadros esplendidos e alguns belos retratos a óleo. Deles nos ocupámos com certa larguesa e sincero entusiasmo, demorando-nos, especialmente e com mais detalhe, em frente da sua magnifica tela «Raios de sol ardente», cheia de côr e de luz bem graduadas nos seus diversos planos, na qual a naturesa é admiravelmente animada por um idilio rustico, dum boieiro e duma rapariga da vindima que se encontram no primeiro plano. Quadro saudavel e pagão! Impressionado e cativado pelas palavras despretenciosas e sinceras saídas da nossa pena, Mestre Carlos Reis desejou conhecer-nos. E, algum tempo depois, na primeira oportunidade, o dr. Humberto de Avelar — lembramo-nos como se fosse hoje — no intervalo dum concerto da orquestra Blanc, no S. Luiz, fez a nossa apresentação. Conversámos. Simpatia mutua. Carlos Reis acabou por convidar-nos a fazer uma visita ao seu atelier. Lá fomos. E, uma vez lá, o Mestre teve a gentilesa de pedir-nos o favor (!) de posarmos para um carvão que queria oferecer-nos. Foi em 1915. Como o tempo passa e como a vida nos transforma! Já lá vão dezoito anos... Usavamos, então, um bigodinho pretencioso, tendo-nos Carlos Reis aconselhado a erguer-lhe as guias porque — dizia ele — «um pouco de «coquetterie», não fica mal, mesmo nos homens». (Um traço da sua maneira de ser).

O carvão foi feito em duas sessões — uma dum quarto de hora, outra de vinte minutos — tendo nós, durante elas e a seu pedido, conversado nas coisas mais diversas: sérias, tristes, alegres. Pois bem. Carlos Reis teve o condão de, atravez dessas várias modalidades da conversa, surpreender e encontrar os traços intimos mais caracteristicos e dominantes do nosso espirito, e de ter feito, assim, desse carvão artistico, mais do que o nosso retrato fisico, um excelente retrato psicologico!

Há maravilhas de técnica e de minucioso detalhe nesse carvão — especialmente em todo o trabalho de luz e sombras, de claros e escuros da fronte — que a nossa gravura não pode reproduzir, que nela quási se perdem por completo.

Tudo o que acabamos de contar serve apenas para dar uma idea aproximada do poder, quási milagroso, de observação e de realização deste nosso grande pintor e da sua forma de trabalhar.

* * *

Se Carlos Reis foi especialmente um formidavel paisagista, um estupendo animador da natureza, a verdade é que tem sido tambem muito grande no retrato, tendo alguns retratos a óleo que honrariam a Arte de qualquer país. Nos carvões, que cultivou muito menos, mas que alguns expôs, tem tambem maravilhas.

(Desenho de Vilela)

Quando viemos de Lisboa, e já vários anos antes, fôra tomado o seu pincel duma autentica paixão pelo branco em que operava verdadeiros prodigios, usando duma técnica e conseguindo efeitos que ainda não vimos excedidos, nem igualados, por qualquer outro pintor moderno. Os seus quadros «Engomadeiras», «A merenda», «A primeira comunhão», e outros, são disso uma demonstração bem evidente.

Embora tardiamente, é-nos gratissimo prestar a Carlos Reis esta homenagem. E entendemos que, ao prestar-lha, melhor não poderiamos fazer do que recordá-lo aos que o conhecem e se emocionaram com a sua Arte; e dá-lo a conhecer áqueles que, por acaso, nunca tiveram o prazer de se demorar na contemplação da sua Obra, digna de figurar na galeria das Obras dos Mestres.

Sobral de Campos.

RAIOS DE SOL ARDENTE

Porque se separaram

o lobo, o elefante, o tigre, o leão e a cabra

(*Continuação da página 147*)

cesta, tira alguns bocados mais saborosos, come e prepara-se para tirar mais, quando um sôco em plenas barbichas a faz cambalear e uma voz conhecida a avisa:

«Chut! Caladinha! Nem uma palavra aos outros e toca a andar»!

Não espera a Cabra pela repetição da ordem. De longe clama:

«Lobo, Lobo, compadre, toma lá a cesta que já estou derreada»!

Repete-se com o Lobo a cena que se dera com a Cabra e igualmente sucede o desaire aos outros animais. O compadre Elefante — o ultimo — apenas apanha um fortissimo sopapo na tromba, atira a cesta para longe e larga á desfilada, seguido pelos compadres.

Himbo Inéné calcula que eles vão reunir-se á sombra dum baobab gigantesco e que se avista no extremo horisonte. Atalha por veredas mais curtas do que o caminho seguido pelos amos e antes deles chegarem, já o atrevido petiz está encarrapitado na arvore, a espera-los.

Adivinhara. Apenas se encontram juntos, começam os camaradas a discutir. Em algazarra, lançam a culpa á Cabra acusando-a de, pela sua preguiça, querer ter escravos para o serviço, daí resultando as humilhações sofridas por todos.

A Cabra, indignada pela injustiça, brada em «més» desesperados:

«Mé! Mé! Mé! Como sou mais fraca, todos acham comodo atribuir-me as culpas que são gerais. Cobardes! Oxalá Himbo Inéné vos apareça outra vez e vos ensine a não serdes caluniadores»!

Mal acaba de pronunciar estas palavras, salta Himbo Inéné ao meio deles!

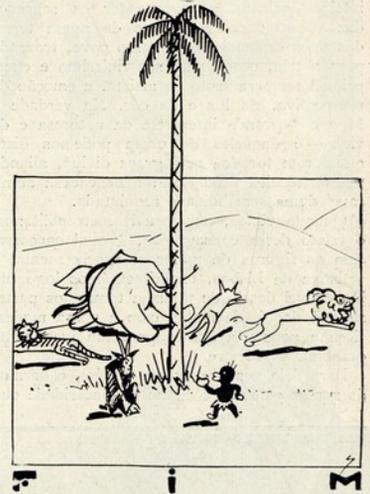
Tanto se assustam que cada um corre para seu lado. O Lobo para a serra. O Elefante para a Nigeria (1). O Tigre para o interior da floresta. O Leão para o deserto. A Cabra agarra-se ao menino e suplica:

«Himbo Inéné leva-me contigo para as palhotas do homem. O homem é o senhor de todos os animais. Eu quero viver sempre junto dêle»!

Himbo Inéné fez-lhe a vontade.

E foi assim, segundo afirma o gentio da Guiné, que estas cinco espécies de animais, até então vivendo juntas, passaram a viver em separado...

Emília de Sousa Costa.

(1) Nigeria — é a região da Africa Ocidental que vai do golfo da Guiné á Uangára.

...Outro motivo de divorcio

Os nossos leitores, e especialmente as nossas leitoras, devem ainda estar lembrados daquele «motivo de divorcio» que publicamos no numero 2 do «Ilustrado»».

Mas nós reavivamos a memoria dos que por acaso já se tenham esquecido.

Tratava-se duma senhora cujo marido nunca se zangava nem tomava nada a sério, entrando em franca e estrondosa hilariedade a proposito e desproposito de tudo. A pobre senhora passou a andar nervosa em presença de tanto riso, acabando por requerer o divorcio em consequencia de não poder suportar, por mais tempo, essa tortura. E o juiz de Los Angeles, julgando a acção, deu razão á sr.ª Johnson, fundamentando assim a sentença: «Uma hilariedade morbida pode ocasionar maior tormento a uma mulher, que os maus tratos, porque é ainda mais brutal».

Um motivo de divorcio.

Agora o motivo é outro e quási oposto.

O caso passou-se em França. Uma pobre senhora, cheia de paciencia e de bondade, sujeitou-se a viver, durante vários anos, na companhia dum marido que com ela não falava nunca, que não trocava com ela uma unica palavra! É certo que ele não a maltratava nem lhe faltava com o dinheiro necessário para as despesas, enchendo-lhe sempre a bolsa, sempre que ela lha colocava, vasia, em cima da secretária.

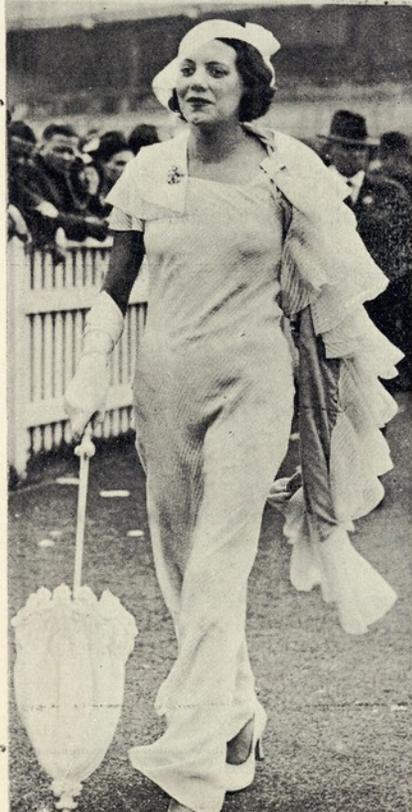
A verdade, porém, é que tudo tem os seus limites e a capacidade de sacrificio tambem se esgota. Resultado: pedido de divorcio com o fundamento do enervante mutismo do excentrico esposo. E o tribunal, decretando o divorcio, declarou na sentença que a conduta do marido era «humilhante e insultuosa».

E era. Nós, pela nossa parte, podemos afirmar e garantir, pela nossa rica saude, que — sem que tenhamos predilecção pelas mulheres excessivamente faladoras — tambem davamos sorte se a sorte nos desse por consorte (mesmo duma semana, quanto mais de anos!...) uma mulher obstinadamente muda...

Digam agora — se têm coragem — que «o silêncio é de ouro»...

Na Central Telefonica

O CHEFE — A menina vai ser despedida porque se não porta bem.
TELEFONISTA — Eu?! Não ligo a ninguem!...
O CHEFE — E' por isso mesmo. Nunca liga!

A mais chic corrida inglêsa

A corrida de cavalos «Royal Ascot» que se realisa todos os anos em Inglaterra, tem uma caracteristica muito especial. Ao passo que a «Grand National», se destingue pela enormidade dos obstaculos que atravessam a pista e pelo perigo que representa para cavaleiros e cavalos; ao passo que a «Derby» é especialmente notavel pelo «Sweepstake» irlandez que torna ricas as pessoas que possuem os bilhetes correspondentes aos cavalos vencedores; a «Royal Ascot», é notoria pelo seu «chic», porque nela as mulheres se apresentam com as mais ricas e extravagantes toiletes, e porque oferece uma oportunidade para os costureiros e costureiras de nome darem largas á fantasia e apresentarem novos modelos.

A «Royal Ascot» a que assistem habitualmente os Reis de Inglaterra e toda a alta aristocracia, tem menos importancia como corrida de cavalos do que como parada de mulheres, ou melhor, de toiletes de mulheres.

A «Royal Ascot» realisou-se este ano em 14 de Junho.

As nossas gravuras, mostram algumas das toiletes que deram nas vistas pela sua «frescura» e extravagancia. — (Fot. Sport & General).